Educação, Voz e Produção Midiática Juvenil[1]

Daniel Massaki Morita[2]
Benedito Diélcio Moreira[3]
Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá - MT

RESUMO

Apesar de sua importância na sociedade, o jovem ainda tem pouca visibilidade nas mídias tradicionais, sendo em grande parte representado por terceiros. Essa falta de representação e os estereótipos criados em torno da juventude prejudicam sua participação ativa na vida política e social de suas comunidades. Propomos aqui uma mudança de perspectiva: os jovens como produtores de material comunicativo, com qualidade formal e crítica, valorizando os conhecimentos e culturas regionais, ganhando voz, aprendendo, criando e se afirmando como Sujeitos em suas sociedades.

PALAVRAS CHAVE: Produção midiática; visibilidade midiática; juventudes, educação, cultura regional.

Visibilidade midiática e construção do Sujeito.

Em nossa sociedade da informação, a mídia representa um papel central na manutenção dos poderes e relações sociais, econômicas e políticas. Otto Groth (2011, p. 376) relata que "todos os poderes políticos e econômicos, sociais e intelectuais procuram utilizar-se de qualquer trabalho jornalístico [...] que traz os 'fatos', o que intelectualmente produz mais efeito, com um fervor especial".

A juventude, criada em uma sociedade que valoriza cada vez mais a informação, a informatização, a competição e o mercado, apresentou várias mudanças ao longo das últimas décadas. Hoje, tratando de consumo, produção e visibilidade midiática, podemos dizer que o público jovem é ainda ausente de voz própria nas mídias tradicionais.

Mesmo nas pesquisas, o jovem tem sido visto como pouco ativo nesses processos comunicacionais. Através de um levantamento da produção científica sobre educação e

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais (DT-06), da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Estudante de graduação. 5º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso. Email: danielmmorita@gmail.com
[3] Doutor em educação. Professor no curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso e orientador do trabalho. Email: dielcio@ufmt.br

comunicação publicada nos principais periódicos ao longo de duas décadas, Vermelho e Areu (2005) nos mostram que a maioria dos estudos aborda a visão do jovem sobre a mídia e como a mídia influencia na juventude. Temas ligados à produção midiática dos jovens ficam em segundo plano.

Gorczevski (2005) afirma que os jovens representam uma ambivalência na comunicação de massa. Ao mesmo tempo em que são vistos como modelos de consumo e força motriz da economia, também são apresentados como delinquentes problemáticos. Em ambos os casos, e em especial quando retratado como um problema, o jovem tem pouco espaço para se defender ou declarar, sendo geralmente representado por terceiros. Segundo Gardene Leão Mendes (2009), isso é feito com o objetivo de manter a imagem estereotipada de uma juventude problemática e rebelde, transferindo a responsabilidade de vários problemas sociais – como a violência e a ineficácia do sistema educacional – das autoridades e do Estado para um grupo social.

A falta de interesse da mídia em dar voz ao jovem, porém, não é a única causa dessa invisibilidade. Para Dupas (2006), a internet individualizou ainda mais as pessoas, criando um fechamento de certos grupos. Para Schaff (2007, p. 112), a atual sociedade aliena as pessoas e, por isso, "é psicologicamente compreensível que uma pessoa, principalmente se é jovem, procure ajuda na fraternidade dos 'círculos fechados'". Os sistemas fechados – ou muito seletivos – dificultam os processos comunicacionais, nas duas vias, dificultando o recebimento e a transmissão de informação, limitando também as discussões e modificações.

Pais (2005) sugere que a construção desse estereótipo da juventude insurgente pode ter origem e se fortalecer no próprio estilo e mentalidade da juventude, que valoriza a diversidade. A busca por uma identidade individual leva muitos a, exacerbadamente, não se encaixarem nos padrões 'antiquados' da sociedade. Ao não se enquadrarem nos perfis tradicionais, são marginalizados.

Apesar das diferenças marcantes entre os vários grupos e tribos de jovens, eles não deixam de formar um único grupo, determinado – geralmente – pela faixa etária e pelo desenvolvimento físico e das capacidades psicológicas superiores, sendo o individualismo e o desejo de individualidade e identidade própria o principal fator que distingue esse

grupo social dos demais. Mesmo sendo um grupo fragmentado em diversas sub-divisões, ele é real e de importância.

Diante da retração do espaço compartilhado nas praças públicas, Gorczevski (2005, p. 2) afirma que "podemos entender visibilidade como a realidade compartilhada [...] como um movimento que se dá também na contramão do narcisismo, pois, quanto mais ampla a extensão da 'praça pública', imagina-se que menor seja a necessidade de narcisismo". A visibilidade dos diferentes, então, possibilita a quebra da individualidade gerada na modernidade.

A população abaixo de 25 anos representa 42% da população brasileira (IBGE, 2010) e, no entanto, possui pouca representatividade na sociedade. Ao adotarmos a definição de Bakhtin da linguagem como um fenômeno sócio-ideológico, que carrega sentidos e significados que conversam e refletem em parte a história cultural do Homem, podemos afirmar que mesmo a produção comunicacional dos jovens é de grande valor e deve ser considerada como parte de um processo histórico e local de construção, interpretação e transmissão de sentidos.

Uma vez que "a novidade [e, portanto, o progresso ou mudanças] emerge exatamente onde há tensão, interação, hibridação, conflito permanente entre maneiras de pensar ou esquemas mentais diferentes" (BOCCHI; CERUTI, 1995 p.148), como podemos esperar um progresso real quando uma grande parcela da população não tem voz?

Sendo característica do Homem o fascínio por suas extensões (MCLUHAN, 1996), podemos pressupor que a maior visibilidade do jovem na mídia gere um maior interesse desse grupo em acompanhar seus conteúdos, fomentando a comunicação e debate com a sociedade para, a partir da reflexão, modificar formas de pensamento, informando e educando ambos os lados.

Mas a ascensão da internet e da informática não causou apenas o isolamento. Um dos principais benefícios dessas novas tecnologias é a facilidade em conectar pessoas, em locais distantes e em grande número. O surgimento e a ascensão da blogosfera facilitaram ainda mais a produção e difusão de materiais multi e transmidiáticos. Os jovens, por estarem em constante e intenso contato com as novas mídias e talvez mesmo por tentarem

se afirmar em seus grupos e buscando o reconhecimento, produzem e movimentam grande quantidade de material midiático na web.

É preciso atenção, no entanto, ao conteúdo produzido e seus legados para os jovens. Pedro Demo (2011) nos chama a atenção para a importância de construir o indivíduo Sujeito na sociedade, com qualidade formal e política, que saiba criticar, observar, pesquisar e aprender. Não nos preocupamos, pois, apenas com a quantidade de material midiático produzido pela juventude, mas com seus conteúdos, a forma como foram planejados e concebidos, a realidade que refletem e o que deixa para os produtores.

Nesse sentido, a educação se mostra como importante aliada para a qualidade – técnica e teórica – dos produtos midiáticos a serem produzidos pelos jovens. Não apenas a educação formal e tradicional, mas uma educação comunicativa, que promova debate de idéias, construção de conhecimento e não apenas a transmissão copiada deste.

O oposto também é verdade. Ao pensarmos no sistema educacional brasileiro, vemos que possui diversas falhas, sendo ainda hierarquizado e impositivo, na maioria dos casos. A produção de material comunicativo midiático pode, então, ajudar a melhorar o próprio sistema educacional.

Pedro Demo (2011) alerta para a importância da educação pela pesquisa, pela prática, pelo descobrir e construir um conhecimento próprio e individual ao invés de recebê-lo pronto. Dessa forma, o aluno 'aprende a aprender', podendo utilizar essa capacidade em múltiplas e diversas situações. No ensino da produção midiática, pois, unimos a possibilidade de dar voz e visibilidade aos jovens, através de ferramentas que despertem o interesse dos alunos pela participação política e social, construindo um espírito crítico, inventivo e inovador. Dessa forma, ajudamos a consolidar o Sujeito ativo na sociedade, que ganha autonomia para se desenvolver em um ambiente educacional mais eficiente e produz material carregado de significados culturais que podem ajudar a modificar a imagem do jovem na sociedade.

Comunicação e educação

Com o surgimento e expansão das pesquisas convergindo Educação e Comunicação, inicialmente com Paulo Freire e Jesús Martín-Barbero, e da formação do campo da Educomunicação com Ismar de Oliveira Soares, surgiram diversas ações educacionais e

práticas pedagógicas que procuram integrar os meios, produtos e interfaces comunicacionais no processo educativo.

Uma prática que se popularizou a partir disso foi a criação de rádios escolares, inicialmente em São Paulo e depois em outros estados, geridas e mantidas pelos alunos. Após a aquisição dos equipamentos, os alunos e professores receberiam a instrução técnica de criação de programas e operação dos equipamentos, para que pudessem produzir diariamente as suas programações. Um problema enfrentado, no entanto, foi a tentativa de hierarquizar essa produção, nos moldes da escola tradicional, onde o professor é o dono e distribuidor do conhecimento, detentor do poder.

Ismar Soares, ao definir a Educomunicação, apresenta três objetivos principais: integrar o estudo dos sistemas de comunicação à prática educacional; criar ambientes comunicativos democráticos e participativos; e melhorar a capacidade de expressão e comunicação das práticas educativas.

Para isso, é necessário observar alguns pontos na execução dos projetos: planejamento de acordo com os contextos específicos de cada local onde as atividades são realizadas; participação global de alunos, professores e comunidade; abertura a ideias e discussões diversas e diferentes; e ter sempre em mente que o objetivo maior é melhorar a capacidade de expressão e a autoestima dos indivíduos e do grupo, pela construção e manutenção de ecossistemas comunicativos[4] eficientes.

Ao melhorar o coeficiente comunicacional dos grupos, é possível um maior embate de idéias diferentes que, ao serem apresentadas e discutidas, podem gerar novos conhecimentos e o crescimento do coletivo. No entanto, esses debates só são possíveis em ambientes que não reprimam as diversidades, abertos ao novo. Assim, é preciso que as ações atinjam não apenas os alunos, mas também os professores, pais e toda a comunidade local.

[4] O conceito de ecossistemas comunicativos conversa com o campo Ecológico da Biologia, sendo um espaço onde todos os fatores influenciam uns aos outros e ao ambiente. Dessa forma, ele pretende cuidar "da saúde e do bom fluxo das relações entre as pessoas e os grupos humanos, bem como do acesso de todos ao uso adequado das tecnologias da informação" (SOARES, ecossistemas, p.1)

Tocando o futuro

O projeto 'Tocando o Futuro: Comunicação e Cultura Científica' traz essa perspectiva para a prática com jovens moradores do pantanal mato-grossense. O trabalho é realizado em quatro escolas de áreas rurais dos municípios de Santo Antônio de Leverger, Nossa Senhora do Livramento e Barão de Melgaço, sendo que neste, duas escolas se revezam para receber as atividades, mas com o mesmo grupo de alunos. No total, as escolas e o projeto abrangem 12 comunidades rurais nos três municípios.

As atividades buscam levar aos alunos das comunidades abrangidas o conhecimento técnico da produção midiática de jornal, fotografia, rádio e vídeo. Junto com a técnica, incentivamos os jovens a pensarem e planejarem a produção por si próprios, abordando temas e formas locais e pelas quais eles se interessem. Dessa forma, valorizamos também as culturas e conhecimentos locais.

O projeto se baseia nos métodos de pesquisa-ação, "concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo", e através da qual "os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo" (THIOLLENT, 2007 p.16).

Pensando no ecossistema comunicativo, as atividades são desenvolvidas com vistas a aumentar a capacidade comunicativa dos alunos, professores e da comunidade, melhorando assim seu relacionamento com a comunidade, com as mídias e com o ambiente educacional. Através dos registros e dos materiais produzidos pelos alunos, realizaremos também um estudo comparativo, do progresso de cada grupo e entre as comunidades, que apresentam contextos diferentes.

O contato com os jovens é conduzido por alunos da Universidade Federal de Mato Grosso. Na fase inicial do projeto, esses monitores receberam capacitação nas técnicas ensinadas e utilizadas para lidar com os jovens. Também foi realizado um estudo do local, por meio do levantamento de dados e indicadores diversos dos municípios e comunidades atingidas, que permitiram traçar um perfil geral dos moradores e um indício de como os trabalhos poderiam ser conduzidos. Os três municípios possuem baixa renda per capta, com economia baseada principalmente na agropecuária e no turismo. Grande parte da população trabalha de maneira informal ou autônoma.

Foi sensível o baixo coeficiente comunicacional e falta de integração dos alunos, no início das atividades, a despeito do interesse pela participação no projeto. Esse foi o primeiro desafio, que ainda está sendo superado. O uso de técnicas de teatro e dinâmicas inventivas e participativas tem se mostrado eficiente nesse trabalho.

O principal interesse dos alunos, desde o começo, foi no contato com o equipamento – câmeras de foto e vídeo e gravadores -, ficando o planejamento em segundo plano. Alguns alunos comentaram inclusive que muitos estão esperando pelo início das gravações principais, pulando a parte 'chata' do projeto.

Apesar disso, os esforços com os jovens presentes mostram seus resultados. A participação nas discussões, planejamentos e criação aumentaram, com os alunos apresentando suas impressões, conhecimentos, imaginário, e sendo levados a observar a cultura local como fonte de criatividade. Os professores e coordenadores das escolas atentam também para a importância do projeto na mudança de perspectivas de futuro dos alunos. Segundo eles, as atividades tem incentivado os jovens a repensarem a importância de seus estudos e futuro profissional.

Outra dificuldade facilmente percebida é o distanciamento – linguístico, conceitual, cultural- dos monitores, alunos de uma Universidade Federal em uma capital, com a realidade dos alunos participantes do projeto, moradores de baixa renda na área rural dos municípios, apesar do estudo local prévio que foi realizado. Isso está sendo contornado naturalmente com a convivência e troca de experiências.

Durante as atividades, pudemos observar alguns aspectos do imaginário desses jovens. Em Nossa Senhora do Livramento, houve uma tendência inicial de críticas a alguns hábitos, como jogar lixo no chão, que depois foi substituído pelo culto ao vilão e à violência. Durante as atividades, procuramos apresentar outras visões e conceitos.

Nas outras duas cidades, foi marcante a presença do rio, das lendas e do sobrenatural no imaginário dos alunos, que se refletiram em suas criações. Em Barão de Melgaço, porém, eles foram abordados de forma mais violenta, enquanto que em Santo Antônio de Leverger tendeu ao suspense apenas. Nessa temática de histórias fantásticas, lendas e imaginário popular, os jovens mostraram grande conhecimento e interesse pela cultura e folclore locais.

Outro obstáculo a ser superado é a relação professor-aluno já inserida no cotidiano dos jovens. Ao sermos vistos como professores, no sentido tradicional da palavra, é criada uma barreira que nos distancia dos alunos, dificultando o trabalho como é proposto.

Considerações

O projeto está em sua fase inicial, com as primeiras produções ainda emergindo, mas já pudemos perceber avanços no relacionamento dos jovens com a equipe e com seu ambiente. Eles demonstram uma visão mais crítica e observadora de seus cotidianos, descobrindo seus potenciais e ampliando sua capacidade de se comunicar, transmitindo, recebendo, processando, comparando e criando informações.

Os professores também têm sido convidados a participar de atividades e de conversas com as equipes, a fim de, observando o desenvolvimento do projeto, auxiliarem os trabalhos inserindo as atividades do projeto no curso da didática e da comunicação dentro das salas de aula. Muitos relataram o entusiasmo dos alunos, durante a semana, em comentar e discutir os trabalhos do projeto, buscando informações e orientações complementares às apresentadas pela equipe. Os professores da disciplina de língua portuguesa auxiliam na redação e correção dos textos para os jornais, os que ministram ciências ajudam em pesquisas sobre plantas e animais locais, e os de história no resgate da construção das comunidades e das escolas.

O contato com os moradores e alunos das comunidades também nos permite realizar trabalhos de levantamento e resgate de conhecimentos populares e histórias locais, durante a produção de conteúdo com os alunos, valorizando as riquezas e culturas regionais. Em especial os moradores mais antigos das localidades, comentam que existe cada vez mais a falta de interesse dos jovens em conhecer e manter as tradições, conhecimentos e a história das comunidades. Com o projeto, no entanto, eles tem sido incentivados a conversar com os moradores, resgatando e registrando esses conhecimentos. A expectativa é que com o desenvolvimento das atividades possamos realmente promover mudanças nas comunidades atendidas, de modo que o uso das mídias, tanto as tradicionais quanto as digitais, possam contribuir para o fortalecimento dos jovens enquanto Sujeitos críticos e participantes. De espectador a protagonista da própria história: esta é a contribuição principal que se espera com o projeto.

Bibliografia

BOCCHI, Gianluca; CERUTI, Mauro. **A complexidade do devir humano: Edgar Morin e o caráter inacabado do processo de hominização.** In: PENA-VEGA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. (org.). **O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade.** Rio de Janeiro: Garamond, 1995. p. 141-164.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa.** Campinas: Autores Associados, 2011.

DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso.** São Paulo: Editora UNESP, 2006.

GORCZEVSKI, Deisimer. **Micropolíticas juvenis de visibilidade comunicacional e midiática numa comunidade periférica em Porto Alegre.** Rio de Janeiro: Intercom, 2005. Disponível em: < http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/110477262169804945274778684636253271021.pdf>

IBGE. **Resultados do universo do censo demográfico 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: < ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Resultados_do_Universo/tabelas_pdf/tab1.pdf>

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1996.

MENDES, Gardene Leão de Castro. **Abordagem midiática sobre a violência policial contra jovens.** Goiânia: UFG, 2009. Disponível em < http://anaisdosimposio.fe.ufg.br/uploads/248/original_1.2.__38_.pdf>

PAIS, José Machado. **Jovens e cidadania.** In: CIES. **Sociologia, problemas e práticas.** n. 49. Lisboa: CIES, 2005. p. 53 – 70. Disponível em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/spp/n49/n49a04.pdf>

PEREIRA, Antônia Alves. **Educomunicação.** Aula ministrada na disciplina de Radiojornalismo do curso de Comunicação Social da UFMT em 29 de junho de 2013. Cuiabá: UFMT, 2013.

SCHAFF, Adam. **A sociedade informática: as consequências da segunda revolução industrial.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Ecossistemas comunicativos.** Disponível em <http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos/>

SOARES, Ismar de Oliveira. **Mas, afinal, o que é Educomunicação?** Disponível em <http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos/>

TOALDO, Mariângela M; JACKS, Nilda Aparecida. **Juventude? De que juventudes estamos falando?** Rio de Janeiro: Seminário Internacional Brasil e Portugal, 2012.

VERMELHO, Sônia Cristina. AREU, Graciela Inês Presas. **Estado da arte da área de educação & comunicação em periódicos brasileiros.** In: Revista educação e sociedade.

Vol.26, n.93. Campinas: CEDES, 2005. p. 1413-1434. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27287.pdf>

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido: fundamento da Ciência dos Jornais.** Petrópolis: Vozes, 2011.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2007.